



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

INAUGURAÇÃO DE NOVO SISTEMA DE TRANSMISSÃO DE ITAIPU *

Ibiúna, SP
7 de janeiro

O Presidente José Sarney inaugura em Ibiúna, a 50 quilômetros de São Paulo, o sistema de transmissão em corrente contínua da Hidrelétrica de Itaipu que permitirá a distribuição com baixa perda para as regiões Sul e Sudeste.

Trouxe um discurso escrito para esta solenidade. Mas achei, neste instante, depois das palavras que aqui ouvi do doutor Camilo Pena, do ministro Aureliano Chaves, do governador de São Paulo, de largar o meu papel escrito para fazer algumas reflexões conjuntas com os que aqui estão e com o povo brasileiro que me ouve, sobre os nossos problemas e, particularmente, sobre o significado desta inauguração.

Ao assumir o Governo, eu sabia que nós tínhamos algumas dívidas: a dívida externa, a dívida interna, a dívida social. Mas confesso que não me aprofundara sobre o problema da dívida em relação à energia elétrica, ao setor energético do País. Na primeira reunião que tivemos oportunidade de fazer para balancear os problemas existentes nesse setor, fiquei profundamente preocupado com a situação com que nos deparávamos.

* Improvisado.

Nós estávamos, como ressaltou o Doutor Camilo Pena, à beira de um colapso de energia para o Centro-Sul, onde se situa o grande parque industrial do País, que depende, para sua vida diária, de funcionamento dessa massa energética que chega para acionar as suas máquinas, essas máquinas que dão empregos e empregos que dão condições de vida para as famílias brasileiras, as populações brasileiras. Evidentemente que com a recessão que nós atravessávamos até 1985, quando assumi o Governo, a demanda de energia baixou no País e com isso baixaram os investimentos nesse setor, diminuíram as obras nessa área, e foram sendo paralisadas em toda a sua extensão. Encontramos Itaipu com 40 meses de atraso, 3 anos e 4 meses de atraso na implantação das turbinas. Esta obra, também fundamental, sem a qual Itaipu não poderia colocar a sua energia à disposição do Estado de São Paulo e dos outros estados que a consomem, também estava parada há cerca de três anos.

Correspondem ao nosso Governo 80% dos investimentos aqui realizados. Tínhamos apenas uma estação de 700 mil quilowatts. E hoje, como todos nós sabemos, estamos inaugurando esta gigantesca estação conversora e distribuidora de energia que talvez seja a mais moderna do mundo, mas, sem dúvida, pelo seu gigantismo, é a maior em tamanho.

Assim, nós procuramos, através do plano de recuperação do setor energético, plano esse feito com dedicação pelo ministro Aureliano Chaves, com a sua competência, com a sua inteligência, com o seu patriotismo, juntamente com os técnicos do setor elétrico, iniciar uma ação racional e conjugada em todos os setores, para que nós não enfrentássemos o colapso a que estávamos ameaçados, uma vez que, se a recessão chegara até 85, o compromisso que nós assumimos com o povo, através da Aliança Democrática, fôra o compromisso de dizer não à recessão e sim ao desenvolvimento econômico. Em 85 já crescíamos 8%. Em 86, já crescíamos 8,7%. Em 87, crescemos um pouco menos, em 4%. Mas retornaremos ao crescimento se dividirmos ao longo de três anos a taxa histórica do crescimento brasileiro de 7% ao ano. Então, não se produzia energia,

porque o Brasil parando não consumia energia. E o Brasil, retomando o seu dinamismo, precisava de energia, e energia não se encontra na prateleira para se comprar no momento em que se quer. São precisos investimentos de longo prazo, cuja média de maturação das grandes unidades deve ser, talvez os técnicos em energia aqui me corrijam, da ordem de 6 a 8 anos.

Pois bem, recuperamos o tempo perdido em Itaipu. Recuperamos o tempo perdido aqui em Ibiúna. Recuperamos o tempo perdido em relação a outras hidrelétricas como Itaparica, como Balbina, como Samuel. E procuramos, porque não tínhamos recursos maiores, não iniciar obras que não tivéssemos condições de tocar em frente. E com o programa que foi feito, um programa de conservação de energia, com o programa de esclarecimento que foi feito, de esclarecimento da população, com o horário de verão, foi possível economizarmos no primeiro ano e no segundo ano, e pouparamos o Centro-Sul do racionamento que inevitavelmente viria, se não tivesse sido desenvolvida uma ação séria, conjugada, silenciosa, que fosse capaz de retomar aquele tempo perdido.

Mas, lá no meu Nordeste, onde as dificuldades eram maiores, não foi possível evitar o racionamento. E há três anos o povo nordestino vive com o racionamento, que é uma coisa cruel, que atinge a todas as pessoas, as indústrias, impede novas áreas de produção. Mas também lá, para que nós retomássemos o tempo perdido, nós estamos inaugurando, dentro de dois meses, a usina de Itaparica, com o aspecto social, como ressaltou o ministro Aureliano Chaves, que é o de pela primeira vez se construir uma hidrelétrica assentando a população dos seus reservatórios e não deixando essa população ser expulsa, para depois ir acampar nas estradas, como muitos desses acampamentos que nós tivemos aqui no Sul do País e que em grande parte eram pessoas que moravam nas bacias, os reservatórios ocupados pelas hidrelétricas construídas.

Pois bem, também no Nordeste nós estamos fazendo o linhão. Inauguraremos dentro de três meses, trazendo a energia de Tucuruí para, numa interligação com a CHESF, ser colocada a serviço do desenvolvimento nordestino.

Estamos fazendo a linha de transmissão de Sobradinho. E aqui, hoje, nós inauguramos uma obra extraordinária. Eu fui à primeira torre, das 9 mil torres plantadas no princípio do Governo em Foz do Iguaçu. Depois voltei para dentro dos prazos para inaugurarmos os 300 primeiros quilômetros. E agora aqui estou inaugurando a conclusão com toda a estrutura formada dessa grande estação, obra feita através de uma tecnologia nova, que é a transmissão em corrente contínua. Que não vai beneficiar somente esta região, mais vai possibilitar também que seja colocada a serviço do Brasil a energia produzida pela nossa grande capacidade, na Amazônia e no Brasil Central, sem perda, para que ela possa ser trazida também para continuar o desenvolvimento do Centro-Sul.

Nesta obra, que aqui nós vemos, destas torres, destas casas, destas máquinas, fios, nesse emaranhado que aqui está, está o trabalho e a inteligência dos brasileiros. De jovens deste País. Muitos deles vi agora operando essas máquinas. Essa tecnologia foi desenvolvida dentro de um prazo curto, executadas as obras dentro desse prazo, dentro de um trabalho sério que nós procuramos fazer, e talvez tenhamos cometido um erro que muitas vezes me tem apontado, que é o erro da falta de divulgação, para que o Brasil acompanhe dia a dia esse trabalho silencioso. Trabalho que não é somente no setor de energia, mas que tem sido em todos os outros setores, procurando arrumar a casa, colocando-a em ordem para que ela possa servir ao Brasil. Para cada 1% de desenvolvimento do País, quando falamos em crescimento, temos que crescer 1,2% em energia. Se não tivermos energia, se não tivermos transporte, se não tivermos aço, não adianta falar em crescimento econômico, porque ele vai entrar num gargalo do qual não poderá prosseguir. O Brasil tem que ter consciência disto. O povo brasileiro tem que saber dos seus problemas. Tem que saber que as tarifas de energia têm que ser tarifas realistas, para que se possa continuar a produzir a energia que o Brasil exige, fomento do crescimento e do desenvolvimento. Porque muito pior do que a tarifa justa é a falta de energia para acionar as fábricas, para ter energia no lar, a serviço também do lazer, enfim, para que ela possa ser

transformada em empregos, para que possa ser transformada em felicidade e segurança para os homens e mulheres trabalhadores deste País.

E o estado brasileiro... e aqui eu faço uma advertência, para que todos possamos pensar nos trabalhos da Constituinte sobre o sistema de distribuição de renda. Se a União não dispuser de rendas necessárias a investir nos setores fundamentais, como energia e transporte, certamente o Brasil vai entrar naquele sistema em que nós entramos no fim dos anos 50, quando o estado perdeu a sua capacidade de investimento e nós mergulhamos num País sem comunicação, num País sem transporte, num País sem energia, de racionamento, de telefones silenciosos, de falta de comunicação, de estradas que não transportam porque não existem, de portos que não funcionam porque não estão aparelhados.

A fome de modernidade deste País exige que se tenha uma visão maior dele. Nós não podemos ficar ouvindo dia e noite as vozes de protestos e de pessimismo daqueles que, em vez de olharem o futuro do Brasil, de se dedicarem aos problemas nacionais, se dedicam mais aos problemas pessoais. Eu estou aqui para cumprir com o meu dever, firmemente, com paciência, mas com grande determinação. Tenho feito isso e vou continuar a fazer da mesma maneira.

Com isso eu quero dizer aqui que quando nós brasileiros inauguramos uma obra como esta, ninguém tem o direito de duvidar sobre o Brasil. Ninguém tem o direito de pensar que nós vamos nos trancar nos caminhos do desvio, de uma nação que não pode deixar de ocupar o lugar que ela vai ocupar porque tem direito, tem destino, no mundo inteiro. Ninguém pode duvidar, cada vez que se vê obras como estas que representam não somente materiais, mas que representam sobretudo recursos humanos. E aqui quero fazer um elogio aos engenheiros, aos técnicos, aos cientistas, aos executivos, aos operários que construíram, que aqui trabalharam para que fosse realidade esta cerimônia que neste instante nós realizamos.

Quero agradecer ao presidente de Furnas, o doutor Camilo Pena, o trabalho que ele desenvolveu em favor do

País à frente de Furnas, como tem desenvolvido em outros setores nacionais, para solução dos problemas de energia do Brasil. Quero dizer que o ministro Aureliano Chaves tem sido uma peça fundamental, com a sua seriedade, com a sua capacidade e vivência desses problemas, para que eles fossem equacionados com racionalidade.

Quero ressaltar também o trabalho que aqui vem desenvolvendo o governador de São Paulo, doutor Orestes Quêrcia, com grande dinamismo e com grande vontade, vontade que está cumprindo, de fazer um grande governo à frente deste grande estado.

E para finalizar, a todos que aqui estão, a todos os brasileiros, a todas as brasileiras, eu devo repetir aquilo que ontem eu disse no Palácio do Planalto ao terminar o meu discurso empossando o Ministro da Fazenda: o Brasil não é feito pelo Presidente da República. Nenhum presidente faz nenhum país. O Brasil é feito pelo povo brasileiro. E nós confiamos no povo brasileiro.